

FHC aceita discutir sucessão para reagir à crise

Planalto estuda ainda apressar reforma em ministérios e investir mais em publicidade

GERSON CAMAROTTI
e CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA – Essa semana será decisiva para a reação política. Amanhã, o presidente Fernando Henrique Cardoso deverá ter um encontro com alguns integrantes do PMDB para discutir uma mudança no primeiro escalão. Não será a primeira vez em que ele tocará no assunto. Na última quinta-feira, num demorado encontro com os líderes peemedebistas na Câmara e no Senado, deputado Geddel Vieira Lima (BA) e senador Renan Calheiros (AL), o tema foi debatido com o presidente. “O governo precisa comprar a idéia de uma reforma ampla”, defendeu Geddel.

Pressionado com uma grave crise energética, com o agravamento da seca no Nordeste e com a popularidade despencando, o presidente decidiu fazer uma operação para evitar que o seu governo transforme-se na “bola da vez”. O Planalto estuda a possibilidade de fazer três movimentos para recuperar o fôlego: apressar uma reforma ministerial para recompor a base aliada, antecipar o lançamento da candidatura presidencial e intensificar a publicidade das ações de governo.

A avaliação é que uma agenda nova na mídia não só diminuiria um enfoque negativo do governo, mas também atrairia aliados que hoje estão afastados. Nas conversas que manteve nos últimos dias, o presidente não escondeu a preocupação com o grave momento de seu mandato e com o risco de uma implosão das forças que o apoiam. “Esse é o pior momento político dos meus seis anos de mandato”, reconheceu o presidente para um aliado.

Apesar da ação política, o Planalto terá o cuidado de separar o difícil momento político dos problemas de governo. “A seca e a crise energética são dificuldades objetivas que precisam ser tratadas com eficiência e não como um tema político”, ressaltou o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira.

Cenários – Não foi por acaso que começou a ganhar força a reação do governo. Quando estourou a crise energética, Fernando Henrique começou a trabalhar com dois cenários. No mais otimista, a crise seria contornada, evitando uma mudança mais significativa na opera-

ção política do governo. Como isso não aconteceu, o presidente foi forçado a agir.

Outro foco de pressão acabou sendo a renúncia do ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), na última quarta-feira. Até então, lembra um ministro tucano, todo o enfoque negativo da mídia política estava direcionado para ACM. “Como ele deixou de ser o alvo, o governo passou a ocupar este lugar”, explica o ministro. Ou seja, durante os últimos dois meses o Planalto utilizou a crise no Senado como escudo para evitar um

desgaste antecipado.

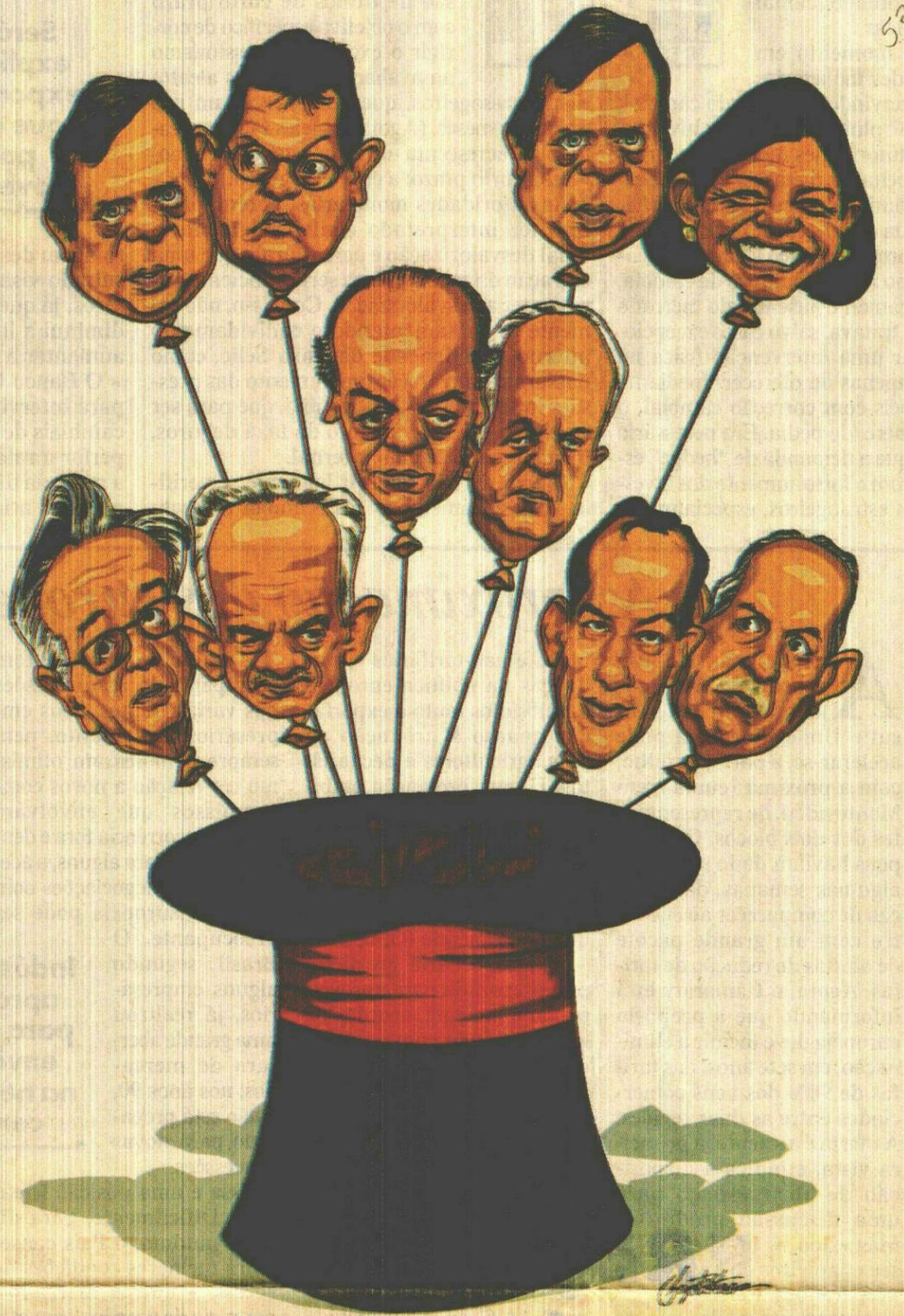
Consenso – Apesar da decisão de que é preciso agir, não existe um consenso entre os aliados sobre o quê fazer. A principal reação é do ministro da Saúde, José Serra. Cotado como o principal presidenciável da base aliada, ele não esconde sua irritação com a necessidade de antecipar sua candidatura. Refém do desdobramento da crise energética, o ministro da Saúde teme ter o seu nome enfraquecido com uma exposição precoce.

A principal pressão para que isto aconteça é do PMDB. O presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), chegou a colocar para Fernando Henrique a necessidade do governo apresentar em 60 dias um projeto de sucessão e de aliança política para 2002. O argumento apresentado por Jader pôs o presidente na parede: se o PMDB governista não tiver uma alternativa para apresentar até a convenção do partido, em setembro, a legenda seguirá

com o governador Itamar Franco (PMDB-MG).

Preocupação – No Planalto, existe a preocupação com o distanciamento do PMDB. “É preciso fortalecer o PMDB aliancista, inclusive no ministério”, defende o ministro Aloysio Nunes, evitando falar em sucessão. Mas a tese de Jader de antecipar o debate sucessório enfrenta resistências não só no PMDB, mas também em setores do governo e nos demais partidos da aliança. “É muito difícil o PMDB conseguir segurar a tendência pró-Itamar”, reconhece o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC). “Mas não podemos ficar na dependência do calendário do PMDB”, observou.

O presidente do PSDB, deputado José Aníbal (SP), defende uma mobilização partidária para desviar o governo da crise. “O PSDB precisa sair da defesa para o ataque e ganhar o debate de idéias”, disse Aníbal, defendendo que o partido assuma a responsabilidade de fazer a publicidade do governo. “Os nossos adversários estão crescendo em torno da nossa inércia.”, sentenciou.



TENDÊNCIA
PRÓ-ITAMAR
CRESCER NO
PMDB